6 MESES DE GOVERNO LULA

Agência Brasil/10-3-2003

• DE VOLTA à região do ABC paulista, berço do Partido dos Trabalhadores e da CUT, Lula visita a fábrica da Mercedes-Benz em São Bernardo e discursa no pátio da empresa, lotado de metalúrgicos

No 1º ano, nem 10% dos empregos esperados

Crise do desemprego explode na fila de concurso para garis no Rio, mas crescimento baixo limita a criação de vagas

Flávia Oliveira

• O drama que o Brasil se acostumou a acompanhar em frias estatísticas oficiais ou resultados nervosos de pesquisas eleitorais explodiu em carne e osso na semana que fecha os primeiros seis meses do governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Instalou-se na metrópole que se acostumou a antecipar o futuro do país, materializando-se numa fila pela qual passaram, até a última sexta-feira, 55.500 pessoas que alimentam o sonho de ser gari. Este exército de desempregados intuiu que 2003 não reservará boas surpresas ao mercado de trabalho. A taxa de desocupação em maio bateu recorde de 14 meses e, a julgar pelo desempenho da economia, no primeiro ano do novo governo não serão gerados 10% dos 2,5 milhões de postos necessários ao cumprimento da meta de dez milhões até 2006, promessa do então candidato à Presidência recém-confirmada pelo ministro do Trabalho, Jaques Wagner.

A projeção toma por base cálculos do economista Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), que relacionam o nível de ocupação ao Produto Interno Bruto (PIB). Neri estima que a geração de postos de trabalho acompanha a expansão do PIB, descontada a produtividade, que na última década tem aumentado 1,5% ao ano. Para serem criadas 2,5 milhões de vagas (+3,25% no nível de ocupação) em cada um dos quatro anos de mandato de Lula, a economia terá de crescer 4,8% anuais. Em 2003, segundo o mercado financeiro, o PIB deve crescer apenas 1,8%. Isso elevaria a ocupação em 0,3%, o que equivale a 230 mil postos.

Um terço dos desocupados no Rio tem de 18 a 24 anos

O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, reconhece a gravidade da crise. Quinta-feira passada, após participar de evento na Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), disse que o governo vai criar medidas que incentivem o desenvolvimento e sejam capazes de gerar empregos:

— O governo não gera empregos diretamente, mas atua junto ao processo econômico, articula financiamento público e privado para que a economia os crie. É um esforço que está sendo feito permanentemente, mas num ano de enormes restrições.

O Ministério do Trabalho, por sua vez, prepara o Programa Primeiro Emprego para facilitar a inserção dos mais jovens no mercado. Apenas no Rio, mais de um terço dos desempregados têm entre 18 e 24 anos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É gente como Jorgina Dias da Silva, de 21 anos, que já trabalhou como ajudante de padeiro e balconista mas jamais teve a carteira assinada. Desempregada, entrou na fila para o concurso da Comlurb ao saber que o filho está subnutrido.

— Tive de deixá-lo num orfanato por falta de condições de sustentá-lo. Mas vou conseguir a vaga e criá-lo decentemente — sonhava Jorgina, na madrugada de sexta-feira, nos arredores da Marquês de Sapucaí.

Renda está em queda pelo sexto ano consecutivo

A falta de perspectiva que levará cem mil cariocas a participarem do concurso para gari — mais que o dobro do último recrutamento — é o ápice de uma crise que se desenrola desde 1998 e atingiu, principalmente, as metrópoles brasileiras. Nas seis maiores regiões metropolitanas do país, o índice de desemprego supera os 10%. O rendimento médio está perdendo da inflação pelo sexto ano seguido. Somente no Rio, um quarto dos desocupados chefia famílias; 19% nunca trabalharam; mais da metade são mulheres; 44% concluíram, pelo menos, o Ensino Médio.

— O Brasil enfrenta um momento de crise e o Rio está à frente deste processo, porque é o mais metropolitano dos estados. A fila para o concurso de garis é uma espécie de símbolo, que revelou ao país inteiro um desemprego antes oculto. O *iceberg* aflorou nos últimos dias — completa Neri.

O economista André Urani, presidente do Instituto de Estudos de Trabalho e Sociedade (Iets) e professor da UFRJ, não nega os efeitos da política econômica restritiva sobre o emprego e a renda dos brasileiros. Mas atribui a gravidade da crise no Rio ao que considera uma estratégia econômica equivocada tanto no estado quanto na capital.

— A política econômica, que era absolutamente necessária para evitar o desastre que seria a retomada da inflação, tem custos para o mercado de trabalho. Mas a crise do Rio não é só esta. O Rio vive um estágio avançado de putrefação de um modelo econômico ultrapassado. Os setores mais dinâmicos no estado, petróleo e telecomunicações, não são intensivos em mão-de-obra, enquanto 1,2 milhão de autônomos não têm apoio para se firmarem como empreendedores — critica. ■

COLABOROU *Tulio Brandão*